

---

MOINGT, Joseph. *L'Esprit du Christianisme*. Paris: Temps Présent, 2018. 282p. 16x24cm. ISBN 978-2-916842-60-8.

---

Joseph Moingt tem seus escritos cada vez mais difundidos internacionalmente. Sua primeira publicação no Brasil, em 2001, foi o livro: *A mais bela história de Deus: Quem é o Deus da Bíblia*, entrevista publicada com outros dois autores: Jean Bottero, historiador, e Marc-Alain Quaknin, rabino e filósofo. Foi traduzido ainda *O homem que vinha de Deus*, e *Deus que vem ao homem*, sendo o segundo em três volumes.

Moingt, nascido em 19 de novembro de 1915, em Salbris, França, entrou para a Companhia de Jesus em 1938. Estudou Filosofia em Villefrancher-sur-Saône e Teologia em Lyon-Fourvière. Em 1955, sob a orientação de Jean Daniélou, no Institut Catholique de Paris, escreveu sua tese doutoral sobre a Teologia Trinitária de Tertuliano. Escritor profícuo de livros e artigos de teologia, destacou-se por sua especial atenção à Cristologia. Em 1993 deu início a uma série de publicações nesse campo com o livro *L'homme qui venait de Dieu*. Bernard Sesboüé, na época, pontuava que esse livro faria parte das grandes obras de Cristologia do século. Aos 102 anos de idade, Joseph Moingt lançou o livro *L'Esprit du Christianisme*, que vem conquistando muitos leitores na França.

O autor faz parte da geração de teólogos franceses formados dentro do espírito que propunha o retorno às fontes do cristianismo. Posteriormente identificado como a *nouvelle théologie*, esse movimento representou uma crítica ao modo como o discurso sobre Deus foi construído, postulando que foram introduzidos nesse discurso elementos alheios ao pensamento de suas origens. O retorno às fontes cristãs, o reexame, em nexos lógicos com essas fontes, dos principais temas do cristianismo e o diálogo com o mundo atual (em coerência com a razão e a experiência histórica) são os princípios que estão na base do pensamento de Joseph Moingt. No livro *L'Esprit du Christianisme*, com uma introdução, três capítulos e um breve apêndice, norteados pela palavra 'espírito', ele revisita os temas da Religião, da Revelação e da Salvação.

No prefácio, em seis tópicos ou momentos, Moingt apresenta os motivos de retomar a escrita e os princípios teóricos que serão utilizados, dando abertura para outras questões sobre o futuro imediato da humanidade (p. 11). Procura salvar o cerne do cristianismo diferenciando-o do

conceito de religião. Para ele, a confusão entre cristianismo e religião coloca em risco conceitos fundamentais, como Deus, revelação, fé e salvação (p. 11-13).

Ao pensar a importância do cristianismo para a cultura Ocidental (p. 14), ele se inspira no livro de Chateaubriand, *Génie du Christianisme*, que trata sobre a genialidade do cristianismo em seus aspectos antropológicos. Embora não queira estacionar sua reflexão no mero aspecto histórico ou antropológico, Moingt não ignora a perda que essas dimensões tiveram na elaboração dos dogmas, trazendo prejuízo para a Igreja e a sua missão. Nesse sentido, utiliza o termo 'espírito' para expressar a identidade cultural, o espírito de uma época com suas tendências e o próprio Espírito do Cristianismo que perpassa os tempos (p. 15). Busca esclarecer a fé do crente e possibilitar o diálogo com os não crentes. Apresenta a fratura entre a teologia e a vida da Igreja a partir do século III e suas consequências.

Seu objetivo é ajudar a Igreja a retomar o diálogo com o mundo na simplicidade da linguagem do Evangelho (p. 19-20). Dentre as dificuldades para esse diálogo estão as posturas rígidas e a interferência da Igreja na vida da sociedade, tendo como critério princípios que não condizem com o atual estágio cultural. O mundo deixou de ser cristão desde o iluminismo. Muitos consideram a fé como mito obscurantista e diante das explicações e críticas da Igreja não acreditam mais nela. Contudo, o mito repellido pela razão de hoje é o fundamento do dogma (p. 20-21). Daí, é preciso interpretar e não destruir o mito, reinterpretá-lo, como fizeram os mitólogos da Grécia antiga, buscando no mito um modo de conceber uma verdade subjacente a ele. É preciso interpretá-lo de acordo com a racionalidade de hoje (p. 21-22). Como a filosofia em suas origens, a Teologia teria a função de desmistificar a revelação, tornando-a acessível ao homem atual. A revelação não é uma palavra que cai do céu – um mito de todas as religiões! – mas é algo remanescente que Deus depositou no espírito dos homens e que eles buscam desde tempos remotos (p.23). O objetivo é passar da religião para a fé na revelação de Deus e no entendimento da salvação (p. 26).

A palavra 'espírito' é utilizada em duas acepções: a do Espírito Santo como princípio divino que inspira a fé e a do espírito como caráter ou índole de uma época. Esta última, como pensou Chateaubriand, tem o cristianismo como espírito civilizador (p. 25). O cristianismo enquanto religião participa das características das outras religiões. É elemento fundamental para a coesão social, é marcado por crenças, ritos, preceitos e tradição. Porém, como princípio divino, surge da revelação de Deus em Jesus que é endereçada a todos os homens, possui uma universalidade, o que o diferencia do conceito de religião. Para o autor, a origem do cristianismo não

está em um povo, mas no encontro de Jesus com seus discípulos. Nesse sentido é preciso retomar a vocação universal da Igreja (p. 27).

Após uma pausa devido a um problema de visão, Moingt sente-se novamente convocado para a missão. Percebe-a em coerência com os métodos inovadores de Santo Inácio de Loyola: novos métodos e pensamentos, atitudes que se aproximam, sob muitos aspectos, dos princípios da modernidade. Missão ou atitudes pautadas pelo Espírito do Cristianismo e por seu humanismo (p. 29-31).

No primeiro capítulo, onde trata da questão da religião, pergunta pelo futuro do cristianismo e suas possibilidades de sobreviver às grandes transformações que vêm ocorrendo na cultura desde o surgimento da modernidade. Constata que a percepção dos riscos do eclipse total da religião cristã vem desde Hegel, o qual já notava o divórcio entre religião cristã e razão filosófica, entre Igreja e Estado. Hegel via a possibilidade de a religião cristã sobreviver se ela estiver disposta a respeitar as liberdades fundamentais reivindicadas pela razão, pela ciência, pelo Estado e pelo indivíduo (p. 33-34).

Constata, ainda, que, na primeira metade do século XX, a Igreja viveu um período melhor, devido a suas inovações e conquistas. Contudo, isso se reverteu quando ela se deparou com novas ameaças e escolheu o caminho do fechamento. O cume dessa inovação aconteceu com o Concílio Vaticano II (1962-1965). Na década de 60 intensificou-se o questionamento da autoridade das instituições, tendo como marco a revolução cultural de 1968. Foi sintomático o abandono da Igreja por parte de padres, religiosos e leigos, nessa época. O autor pontua que a crise não veio da fé, mas do modo como a Igreja responde às questões da atualidade, utilizando uma linguagem que não leva em consideração o nosso horizonte cultural. O resultado é a crescente indiferença em relação à religião, à prática ou à busca dos Sacramentos (p. 41-51).

Analisando tal crise na Igreja, o livro pontua que são muitas as teorias sobre o eclipse da religião e apresenta algumas delas. Para historiadores e sociólogos, a causa seria a vitória do iluminismo, o avanço da ciência e a expansão da política de secularização ou o laicismo. Para os teólogos, a causa, seria o declínio e a deficiência na evangelização, bem como a linguagem inadequada e o enrijecimento dos dogmas (p. 52). O teólogo Bonhoeffer examina o declínio da religião sob o aspecto histórico e teológico. Do ponto de vista histórico, a expansão da incredulidade acontece desde o surgimento do iluminismo e, do ponto de vista teológico, com o surgimento da devoção moderna. Esta seria a busca de viver o Evangelho sem a mediação do clero (p. 53). Já para o sociólogo e filósofo Marcel Gauchet, o cristianismo é a religião da saída da religião e que se adaptará à nova realidade. Nesse sentido, Moingt teoriza um equilíbrio dialético

onde a religião renunciaria ao domínio do Estado e este, por sua vez, se beneficiaria dos valores humanos e da religião (p. 39).

O cristianismo se encontra diante de um dilema: restauração ou renascimento, fechamento ou abertura ao novo. O fechamento caracteriza-se pela dificuldade de abandonar os princípios normativos da religião e o conseqüente afastamento entre Igreja e sociedade. Essa postura é defendida por grupos conservadores, em detrimento das demandas pastorais da atualidade (p. 61). Há também a possibilidade de se aprender com as origens como agir diante desses desafios. Como exemplo, cita-se a atitude dos apóstolos, a partir da Ressurreição de Cristo, do renascimento que tiveram que fazer em vista da missão. Considera que a Tradição não é impedimento para que a Igreja se abra ao novo, antes, deixa a possibilidade de um coerente renascimento para cumprir bem a missão recebida do Ressuscitado (p. 62-67).

O segundo capítulo trata do tema da revelação (p. 69-187). Percebe-se ao longo do texto o esforço do autor para desmistificar a revelação, propondo que Deus não vem ao encontro do homem desde o alto, em meio a fenômenos amedrontadores, extraordinários e obscuros. Ao contrário, vem desde baixo, de modo que o homem possa ter acesso e compreender a comunicação divina. Deus vem inspirando os seres humanos a acreditarem na salvação que ele traz (p. 69-71). A revelação, entretanto, não se restringe à Sagrada Escritura, mas se desvela em contínua vinda de Deus aos homens. Dois percursos são identificados na percepção da revelação ou da fé que Deus suscita em nós: o primeiro, na revelação feita pelo próprio Cristo e prolongada na pregação dos apóstolos; o segundo, na revelação feita de modo universal a todos os povos, e também na Igreja a partir do século III, com o Concílio de Nicéia. Nota-se que, enquanto Paulo afirma que a revelação é universal (Rm 1,19-20), os cristãos, no entanto, estão interessados apenas na revelação feita por Jesus (p. 219).

A revelação cristã emerge da história de Jesus com o Pai, no Espírito. De fato, o Espírito Santo, no Novo Testamento, revela vínculos especiais entre Jesus e o Pai. Aparece com maior frequência nos Atos dos Apóstolos. No Antigo Testamento, porém, significa a força de Deus, sem ser identificado como uma 'pessoa' divina. Em ambos, no Antigo e Novo Testamento, o Espírito é percebido mais por seus atos do que por sua identidade de pessoa. Possui presença revolucionária, de modo que onde está o Espírito aí está a liberdade. Pensa-se numa cristologia do Espírito, a partir do evento fundamental da fé cristã: a cruz e a Ressurreição. Da ressurreição de Jesus surge o homem novo, sua morte é tida como um novo ato criador. Para o Teólogo francês, o Espírito do Cristianismo é o Espírito de Cristo (p. 74), é o humanismo autêntico, onde se faz presente a liberdade e a dignidade do ser humano (p. 92).

O terceiro e último capítulo aborda o tema da salvação (p. 189-274). Com o título *Salvação: o Antigo e o novo*, analisa as diversas concepções de salvação. Pensa a salvação considerando o seu aspecto mundano e eterno. A visão de salvação herdada por Jesus e seus contemporâneos vem dos profetas e refere-se à vinda judiciosa, purificadora e terrível do Senhor. Por sua vez, a salvação praticada e pregada por Jesus assume dupla dimensão, temporal e eterna. Uma salvação que tem alcance universal e, mais do que a prática de preceitos e ritos religiosos, passa pelo humanismo cristão (p. 190). Por sua vez, a salvação pregada pela Igreja, a partir do século III, tem a ver mais com as práticas sacramentais, pelas quais Cristo comunica sua vida, e com o ato de crer e praticar os ensinamentos da Igreja.

A reflexão sobre a salvação se aprofunda tomando várias passagens dos evangelhos e das cartas de Paulo. Especial atenção recebem os textos do Evangelho de João. Comenta-se a questão do *logos*, e a influência recebida do estoicismo na interpretação que se faz da personificação da Palavra de Deus (p. 252). Inspira-se na passagem do diálogo entre Jesus e Nicodemos para propor a melhor atitude da Igreja diante dos desafios atuais. “Nascer de novo” significa, então, acolher sem medo o Espírito de Cristo, o Espírito que conduz os seres humanos à liberdade dos filhos e filhas de Deus (p. 73 e 174).

O princípio norteador de todo o livro é a razão natural, considerada dom de Deus que respeita o ser humano (p. 26). Um Deus que não se revela na irracionalidade ou de modo obscuro, que não humilha a sua criatura. A Sagrada Escritura é tida não como limite para sua reflexão, mas como ponto de partida para pensar a revelação que Deus faz em todos os tempos. Não se exclui dessa revelação a modernidade, que mesmo com seus limites, ajudou o ser humano a se tornar mais adulto, assumindo maior protagonismo na história.

*L'Esprit du Christianisme* não é impassível de críticas. Muitas de suas posições discordam do senso comum e da doutrina ortodoxa. Moingt pontua com clareza esses desacordos e diz que procura responder, em primeiro lugar, a questões que surgiram em seu espírito. Expõe de modo claro o que muitos autores gostariam de dizer. Escreve em primeira pessoa com a finalidade de mostrar como vê a razoabilidade da fé cristã. Procura pensar os desafios de crer em um contexto hostil à fé sem ter de lançar mão de elementos que não fazem mais parte do nosso horizonte.

O livro não só é ecumênico como pode contribuir para o diálogo inter-religioso, embora o autor seja crítico aberto da ambiguidade que marca as religiões: ao mesmo tempo em que elas servem como elemento agregador de grupos humanos servem também como instrumento de violência contra o outro, o diferente. É que, em geral, cada religião pensa a verdade como propriedade particular sua e que os outros estão no erro. O livro é rico

para instigar a reflexão dos teólogos e daqueles que trabalham com a Ciência da Religião. Ainda que Joseph Moingt seja considerado um teólogo erudito, o modo como ele escreve é de fácil acesso para os leitores não especializados em Teologia. Não utiliza os termos técnicos que em geral dificultam a leitura de obras eruditas.

Seria de muito bom proveito se um amplo público tivesse acesso a essa obra em língua portuguesa, uma grande contribuição para o pensar teológico e o fenômeno religioso, principalmente porque estamos testemunhando aqui, no Brasil, um retorno ao sagrado, mas, infelizmente, a um sagrado marcado, em grande parte, pelo irracional que desfigura o real, com o perigo de infantilizar e infundir o medo no ser humano.

*Damião Coelho Neto*<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Bolsista da FAPEMIG.

---

VEENEMAN, Mary M. *Introducing Theological Method. A Survey of Contemporary Theologians and Approaches*. Grand Rapids, Michigan: Baker Academic, 2017. 208 pp. ISBN-10: 0801049490.

---

Mary Veeneman is a promising young theologian who obtained her Ph.D. at the Jesuit Fordham University in New York, and she is now an Assistant Professor at North Park University, a private Christian university founded in 1891 by the Evangelical Covenant Church in Chicago. One of her main areas of research is the dialogue between the Protestant and Catholic traditions, and this work is an effort to create bridges among the different Christian denominations.

In her book, Mary Veeneman provides an introductory description of the most relevant theological proposals of the twentieth and twenty-first century, both Catholic and Protestant, grouping them into seven different theoretical-methodological approaches. With clear and pedagogical language, Veeneman presents to the reader the most relevant theological debates of the last century, focusing on the importance of the method in theology. As she expresses in the beginning, the author does not defend any theological method over others but instead shows the constructive dimensions of each position. Her goal is to foster dialogue among the different theological approaches within a framework of respect and appreciation, and she succeeds in doing so.

In the introductory chapter, Veeneman emphasizes that theological methods determine the questions asked about the Christian faith and how to address them. Besides, for Veeneman, these methods differ mainly in terms of three characteristics: the primary sources, the questions, and the starting points of the theological reflection. Throughout the book, these three characteristics will guide the exposition of the different theologians. Regarding the primary sources, Veeneman presents the debate among contemporary theologians, concerning scripture and its relation to tradition, reason, philosophy, social sciences, and personal experience. On the subject of the questions and the starting points of the theological reflection, the primary debate revolves around the tension between the contemporary social context and the traditional Christian doctrines.

Then, in chapter one, Veeneman describes broadly what theology is and what its sources of research are. In her answers, Veeneman makes clear the vital rank of the systematic and rational dimensions of theological works. The author begins chapter two, called "Ressourcement and Neo-orthodox Theologies", with the exposition of the seven theological approaches. Regarding the first one, Veeneman presents the work of Avery Dulles, Karl Barth and Wolfhart Pannenberg in response to liberal theology, the catastrophe of World Wars, and the challenging questions posed by science

to religion. For Veeneman, each of these three authors revitalizes theology and articulates it in a novel way, in order to safeguard Christian doctrines against liberal anthropological tendencies.

In the third chapter, called "Theologies of Correlation", the author introduces Paul Tillich, Karl Rahner, and Bernard Lonergan, and groups together their proposals for dialogue with other disciplines, especially philosophy, as well as their starting point from human experience. In the fourth chapter, "The Postliberal Theologies", Veeneman includes George Lindbeck and Hans Frei among the theologians trying to overcome liberal theological postulates. Both theologians respond to liberal theology using cultural and linguistic analysis, questioning the traditional conceptions of the doctrine and emphasizing the relevance of narratives in Christianity.

In the fifth chapter, "Evangelical Theologies", the author displays some of the most influential voices of contemporary Evangelism and their re-thinking of the difficulties of biblical scriptures and the interpretive process. Millard Erickson, Stanley Grenz, Kevin Vanhoozer, and Clark Pinnock maintain the centrality of the Bible in the configuration of Evangelism; however, they build theological proposals that escape interpretive extremes, especially theological propositionalism and cultural relativism. In the sixth chapter, called "Political Theologies", Veeneman brings forth the connection of Pope Francis to these methodologies and then goes on to detail the theological methods of Johann Baptist Metz, Gustavo Gutierrez, and James Cone. Based on the concepts of praxis, historicity, and liberation, these theologians highlight the revolutionary character of Christianity and the responsibility of the believers to fight for a more just world and the kingdom of God on earth. Also, both Latin American and Black liberation theology began their biblical hermeneutics from the point of view of the oppressed, especially the poor and the excluded.

In chapter seven, "Feminist Theologies", the author presents a general description of the feminist movement with its three different historical moments, called the waves of feminism; and then continues to introduce two prestigious theologians: Elizabeth Johnson and Dolores Williams. Both authors have reworked a biblical reading from the point of view of women, based mainly on liberation theology. Recognizing the negative representations of women in biblical scriptures, these authors articulate responses that serve as interpretative categories for female liberation and expose the patriarchal structures of traditional Christian theology. Finally, in chapter eight, "Theologies of Religious Pluralism and Comparative Theology", Veeneman elaborates upon the contemporary debate about the relationship between Christianity and other religions. Although she does not mention any specific author, she does describe the four significant positions within this debate: exclusivism, inclusivism, pluralism, and comparative theology. At the end of the chapter, the author makes it clear

that this debate is far from being resolved and the tension between the different positions remains.

In conclusion, Veeneman insists on the importance of the theological method in the reflection of Christian faith and also fosters dialogue between the different theoretical-methodological approaches. The author gives the examples of Karl Barth and Karl Rahner as opposing models, to show how while their methods took them on different paths, both remain enriching for Christianity. While Rahner reminds us of the importance of human experience in theological reflection, for Veeneman, the radicalization of his postulates can lead to pantheism. On the other hand, Barth defends God from “anthropologization” and idolatries, but his radicalization can lead to functional atheism. With these examples, the author attempts to highlight the significance of knowing and appreciating different theological positions and incorporating them into the dialogue.

The only aspect of the book that one could criticize is the exclusion of crucial contemporary theologians such as Jürgen Moltmann, Hans Urs von Balthasar, and Stanley Martin Hauerwas, among others. Also, the book surveyed did not include the method of Manualistic Theology, which was crucial in the Catholic field throughout the first half of the 20th century. Similarly, the work does not develop an in-depth analysis of the revelation paradigm used by the different theological schools, which is also crucial to understand vital phenomena like the Second Vatican Council.

However, these exclusions are also understandable due to limited space and the author’s goal of writing an introductory pedagogical book. Designed for students and readers who are without prior training in the subject, the book fully accomplishes its purpose. Books that present a descriptive and systematic development of contemporary theologies with a clear and straightforward language are scarce. Therefore, books like Mary Veeneman’s should be applauded, as it facilitates the work of theology professors who attempt to motivate their students to think about the Christian faith.

*Alfredo Ignacio Poggi*<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> University of North Georgia. [alfredo.poggi@ung.edu](mailto:alfredo.poggi@ung.edu)

---

SUNG, J.M. *Idolatria do Dinheiro e Direitos Humanos: uma crítica teológica do novo mito do capitalismo*. São Paulo: Paulus, 2018. 252p. 13,5x21cm. Coleção Novos Caminhos da Teologia. ISBN 9788534948395.

---

O livro “Idolatria do Dinheiro e Direitos Humanos” publicado no final de 2018 pela Editora Paulus na coleção “Novos Caminhos da Teologia”, é uma obra que desafia a todos e todas que desejam pensar o mundo em uma perspectiva mais humana e solidária. Se a hipótese do autor está correta, vislumbramos no horizonte um tempo difícil em que as ideias de justiça e compaixão passam a ser questionadas em uma profunda inversão de valores do novo mito do capitalismo. Jung Mo Sung, coreano de nascimento e brasileiro por toda a vida, é um dos teólogos da libertação mais conhecidos no campo das relações com a economia, em especial nas críticas da economia capitalista. Teólogo leigo, ele é doutor em Ciências da Religião (UMESP) e pós doutor em Educação (UNIMEP), trabalhando hoje no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da UMESp. Neste trabalho, Jung Mo Sung propõe que tal modificação do mito do capitalismo explicita que parte da sociedade abandona ideias que até então eram consideradas como uma base sobre a qual se constrói a civilização moderna. Se antes o valor universal da dignidade humana era, ao menos retoricamente, considerado por todos, agora surge no debate público uma lógica cínica que não enrubesce em negar a justiça social como horizonte. Tal novidade é o eixo central da reflexão deste livro.

Trata-se de um livro de teologia, mas de um tipo de teologia que impacta o leitor e exige um posicionamento, a partir do qual devemos nos situar no combate de ideias de nossa época. Com esta forma de fazer teologia, não é possível ficar indiferente. O autor se inscreve em uma tradição teológica clara, a Teologia da Libertação Latino-americana e procura exercitar o método de reflexão crítica desenvolvido pelo grupo de teólogos e cientistas sociais que se articulavam em torno ao DEI (Departamento Ecumênico de Investigações, centro de formação criado na Costa Rica nos anos 1970 por Hugo Assmann, Franz Hinkelammert e Pablo Richard) como potente instrumental analítico, frente os desafios de nossa época.

O ponto de partida da reflexão é a ação do Papa Francisco, em especial, a partir de sua visita à Coreia do Sul em 2014. Jung Mo Sung, nascido coreano, vivendo no Brasil desde pequeno, esteve na Coreia pouco depois do Papa e pode repercutir o impacto de sua visita. Porém, esse impacto era maior e mais intenso para aspectos que se diferenciam do que tradicionalmente se comenta com visitas do pontífice. O interesse estava em sua crítica ao modo de vida sob o consumismo capitalista em um país que soube se integrar à lógica do vencer e consumir para se realizar enquanto pessoa humana. Francisco impacta esta perspectiva de duas

maneiras diferentes: uma na crítica teológica à idolatria do dinheiro, tema frequente no último período, e outra através de seu testemunho de vida, com simplicidade e proximidade dos pobres. O Papa provoca interesse, mas também rapidamente se torna adversário de muita gente. Jung Mo Sung vê nesta situação um fio teórico que alinhava sua obra.

O livro é composto de seis capítulos em um pouco mais de 250 páginas, associando duas abordagens simultaneamente: de um lado, é uma importante introdução aos estudos que relacionam a teologia com a economia. Por outro lado, defende a tese de uma profunda modificação na mentalidade mítica do sistema capitalista, com grandes consequências para a nossa época, apontando novos desafios.

No primeiro capítulo, temos uma introdução às relações entre teologia e economia, objeto de estudo de Sung em toda sua trajetória. Apontando os aspectos essenciais para compreender esta abordagem, o autor ajuda quem está se aproximando deste assunto, mas também, permite a quem já se dedica ao tema a organizar os conceitos em quadro teórico fundamental. Porém, ao apresentar a problemática e o seu contexto atual, formula desde já o problema a que se dedica, formulando também a hipótese sobre a qual dedicará os demais capítulos. Jung Mo Sung defende que o neoliberalismo “passou a ser o núcleo estruturador da cultura global e do ethos capitalista” (p. 44), deixando de ser uma teoria que disputa com outras, para se tornar um mito fundamental estruturador da atual visão social de mundo hegemônica. Como tal mito estrutura o modo de ver, a maior parte das pessoas nem mesmo o percebe. Por isso, defende o autor que para “criticar os fundamentos metafísicos e míticos de um sistema, é preciso fazer isso a partir de fora, da transcendência do sistema, a partir de outro espaço mítico” (p. 45), sendo tal tarefa um desafio à teologia.

A ideia de que os mitos elaboram marcos categoriais de uma forma de pensar está presente de algum modo em toda a tradição do DEI e elaborado como desafio teológico por Franz Hinkelammert em suas obras sobre a razão mítica e a teologia secular. Sung aplica esta crítica para explicitar um deslocamento no mito que fundamenta as categorias do pensar no capitalismo. Se antes o mito do desenvolvimento sustentou boa parte das teorias humanas na Modernidade, agora sob a hegemonia do neoliberalismo, seus fundamentos são modificados e, portanto, os projetos de sociedade que se apoiam na ideia anterior também são questionados.

Neste sentido, o autor defende que sob o mito do desenvolvimento, temos o pressuposto de que “todos os seres humanos, independente dos seus condicionamentos culturais e sociais, têm direito e possibilidade de participar dos frutos do desenvolvimento tecnológico e econômico da humanidade” (p. 54). A grande divergência no debate político e acadêmico seria qual o melhor caminho para alcançar esta justa realização do direito.

Boa parte das teorias econômicas defenderam que com o desenvolvimento da produção, todos poderiam ser incluídos e se realizar plenamente como cidadãos. Os limites do desenvolvimentismo podem ser explicitados de várias formas, sendo a dimensão ecológica a mais inquestionável delas. A finitude dos recursos naturais e da capacidade de reprodução do equilíbrio no planeta demonstram que não é possível universalizar a todos o estilo de vida do capitalismo que, tudo indica, será sempre privilégio de uma minoria. Entre as alternativas críticas, algumas propostas como um outro estilo de vida, que suponha baixo grau de consumo que possa ser universalizável, afrontam os interesses do capitalismo em reproduzir lucro. Por isso, os neoliberais indicam outro caminho, que é a

negação da promessa de universalização por meio da negação dos direitos humanos de todas as pessoas. A promessa de uma vida digna e de realização de desejos de consumo é para os que podem pagar por isso, não para todos, porque nem todos têm esse direito, uma vez que não há direito natural que garanta isso para todos (p. 65).

Os próximos capítulos dedicam-se a explicar e debater esta hipótese. No capítulo dois, apresenta alguns elementos da teoria neoliberal que passam a ser aceitos em nossa época, entre eles a negação da ética no debate econômico, a fé absoluta de que só o mercado por resolver problemas sociais, a defesa que a justiça somente pode acontecer pela concorrência e relação mercantil. Também inclui a negação da justiça social, da solidariedade e dos direitos humanos. Explicita e cinicamente defende que a “vida boa” é um privilégio para poucos, um direito das elites, que constituem minoria social, mas com a legitimidade do princípio da meritocracia.

Este princípio desdobra-se no culto à eficiência, que é colocada, numa relação de devoção, acima da vida das pessoas que “fica subordinada à maximização da eficiência econômica ou à maximização da acumulação do capital e à satisfação dos desejos dos consumidores” (p. 107-108). Essa devoção é um risco de vida para quem está em situação de exclusão das condições materiais básicas de vida. É a partir da preocupação com estas vítimas que se fundamenta a crítica ao neoliberalismo.

O capítulo 3 aprofunda como a sacralização do mercado permite a inversão da ética cristã ou de qualquer tipo de justiça social, em especial a partir dos escritos do austríaco Ludwig von Mises. Tal inversão ética (ou perversão) passa à negação da noção de direitos humanos como direitos de todos, universais e irrevogáveis, através de um escandaloso processo em que a luta por justiça passa a ser uma grande injustiça com os ricos. Os pobres que estão excluídos na miséria são os culpados de suas dores. Agora a virtude não é ser solidário com o sofrimento do outro, mas ser indiferente frente a quem morre de fome é a melhor contribuição para a justiça do mercado. Os valores do cristianismo, por exemplo, estão todos pervertidos. Os pobres e oprimidos não merecem a misericórdia de Deus,

mas são incapazes e preguiçosos, que merecem o seu próprio sofrimento. Da mesma forma, surge “uma força espiritual bem agressiva contra todos os que lutam por justiça social” (p. 137).

Tal mudança ética está associada ao deslocamento da concepção antropológica que, no mundo moderno, de forma geral, é mais otimista entendendo que o ser humano melhora e pode viver em sociedade colaborativamente. Na visão neoliberal entende o ser humano decaído e sem possibilidade de conversão. Não há graça nenhuma que possa restaurar o pecador. Não há compaixão alguma que possa restaurar nada nem ninguém.

Estes elementos, entre outros debatidos no livro, indicam uma oposição fundamental entre valores e narrativa mítica do neoliberalismo e do cristianismo. Mas como se trata de uma narrativa mítica estruturante da visão de mundo, só há crítica possível e saída olhando de fora, como transcendência.

No capítulo 4, Sung retorna à tradição teológica da América latina apresentando conceitos e autores importantes para pensar a crítica deste mito neoliberal. Apresenta com destaque Gustavo Gutierrez, Hugo Assmann e Jon Sobrino. Resgata o tema da idolatria, central na crítica do Papa Francisco ao sistema capitalista neoliberal. Se antes Bento XVI falou de idolatria com um erro teológico de representação de Deus, agora Francisco mergulha na tradição da teologia latino-americana na crítica do Deus que exige sacrifícios de vidas humanas, uma diferença importante. Jung Mo Sung procura demonstrar como a violência sacrificial deste novo mito do capitalismo radicaliza elementos da irracionalidade do sistema.

No capítulo 5, dedica-se à articulação entre os conflitos de classes, a indiferença proposta como novo valor e a culpabilização cínica de quem luta por justiça social. O capítulo 6 discute o princípio da dignidade humana como um dos fundamentos da construção histórica dos direitos humanos que é questionado pela narrativa do novo mito do capitalismo. A ideia geral aponta que na América Latina

a articulação de narrativas vindas de duas fontes da cultura ocidental – a cristã, com a noção de que Deus faz a opção pelos pobres em nome da justiça social; e a moderna, com a bandeira de direitos humanos e de igualdade, liberdade e fraternidade como valores universais – criou em setores significativos da sociedade uma força espiritual que os mobilizou para lutar contra as ditaduras militares, a pobreza e a exclusão social (p. 208).

Hoje, um amplo setor da sociedade que pactuou estes valores coloca em dúvida sua validade. Desse modo, por si só, estes princípios não são eficazes em oferecer como alternativa um “novo mito mobilizador universalizante” (p. 209). É neste sentido que Jung Mo Sung conclui pela atualidade da necessidade da crítica do “capitalismo como religião” como

condição de qualquer crítica da sociedade. O raciocínio do livro é claro e expresso em seu título. Todo o argumento desenvolvido aponta para a complexidade da transformação mítica que estamos conhecendo. Mais do que um projeto alternativo, a obra em questão é um convite a revisitar os fundamentos da divergência da teologia cristã em defesa da vida das vítimas e o cinismo de um mito que disfarça a injustiça como justiça, a omissão como amor ao próximo. Este desafio apresentado propõe mais um caminho em que o Deus da reconciliação seja confrontado com os ídolos culpabilizantes, em nome da defesa da afirmação central de que as vítimas são inocentes, mesmo que todos as tratam como culpadas. Tal inversão “é fruto de mitos idolátricos, de ídolos que exigem sacrifícios e confundem ou invertem as noções do bem e do mal” (p. 223). Nas conclusões, Jung Mo Sung defende que a teologia cristã revela a “plena dignidade humana e o valor transcendental da humanidade do ser humano” (p. 240), ponto de apoio para a crítica do novo mito do capitalismo e de denúncia de toda forma de idolatria.

O livro tem evidente atualidade ao contexto mundial de ascensão de grupos políticos que se projetam socialmente na defesa dos valores articulados por esse novo mito do capitalismo, bem como com a realidade brasileira, em que mesmo setores do cristianismo modificam seu discurso integrando elementos que tradicionalmente seriam considerados em oposição com os valores e mitos básicos do cristianismo. Uma passagem interessante faz referência, como é costume nos estudos de Sung, aos textos do filósofo social conservador Francis Fukuyama, com a observação de que, mesmo com alguma diferença frente à radicalidade do novo mito do sistema, ele não seria nunca considerado algum marxista ou alguém de esquerda. Curiosamente, no último período Fukuyama foi arduamente atacado pelos setores da nova extrema direita como esquerdista e comunista. Esta anedota real, pela qual o autor não esperava, expressa o grau de radicalização e agressividade que a adesão ao novo mito do capitalismo está desenhando em todo o mundo. Por estes motivos, esta obra parece ser uma leitura fundamental na busca por alternativas na urgente defesa das vítimas de nossa época.

*Allan da Silva Coelho*

---

DE MORI, Geraldo; KONINGS, Johan; GODOY, Manuel (Orgs.). *Uma escola de teologia: a Faculdade de Teologia dos Jesuítas em seus 70 anos*. São Paulo: Loyola, 2019. 316 p. 16x23 cm. ISBN: 978-85-15-04616-4.

---

Esta obra celebra os 70 anos do reconhecimento pontifício da Faculdade Eclesiástica de Teologia do Colégio Máximo Cristo Rei, de São Leopoldo (1949), e que hoje corresponde à Faculdade Eclesiástica de Teologia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus (CES), que tem como figura civil o Departamento de Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). A obra insere-se, por sua vez, no marco celebrativo dos 470 anos da chegada dos primeiros jesuítas à Bahia em 1549 e comemora também os 50 anos da revista *Perspectiva Teológica*, ligada à Faculdade/Departamento de Teologia do CES/FAJE.

Na apresentação, os organizadores, De Mori, Konings e Godoy, advertem que celebrar 70 anos desta instituição apresenta-se como “uma ocasião propícia para fazer memória, perguntar-se sobre o presente e posicionar-se diante do futuro”, não de maneira autorreferenciada, mas como “recordação agradecida de um carisma dado por Deus ao conjunto da Igreja na figura de Inácio de Loyola e dos que se inspiram na visão de mundo, do ser humano e de Deus que brota de sua espiritualidade”. Ao proporem como chave de leitura o final da segunda anotação dos Exercícios Espirituais (EE), segundo a qual “não é o muito saber que sacia e satisfaz a alma, mas o sentir e saborear as coisas internamente” (EE 2), destacam que, se existe uma escola “jesuíta” de teologia, ela tem que estar relacionada com esse “sentir e saborear”. Além da interioridade e profundidade com que se tem feito teologia nestes últimos 70 anos, essa maneira também “afeta em profundidade a vida, alimentando-a e dando-lhe saber e sabor, e conduzindo-a nos caminhos da história” (p. 10).

Arturo Sosa, SJ, no prefácio, discorre sobre o significado de se fazer uma “memória agradecida”, a partir do evento que constitui a chave hermenêutica para compreender a “mudança de época” em que a teologia atual se insere, o “Concílio Vaticano II”. Foi nesse contexto que as instituições jesuítas em questão “encontraram oportunidades para a emergência do novo” (p. 16). Além de “revisitar a história”, a comemoração dos 70 anos, é “um convite à reflexão e ao discernimento”, exercício no qual o teólogo, como “filho de seu povo”, “pessoa de fé, um crente” e “profeta”, de acordo com o Papa Francisco, pode dar uma contribuição ao “afazer teológico” nos tempos atuais, como se propõe a “escola de teologia” da FAJE (p. 20).

A obra é organizada em quatro partes: a primeira parte traça um percurso histórico, desde a fundação da Faculdade Eclesiástica de Teologia dos

jesuítas do Brasil aos dias atuais; a segunda apresenta as características do fazer teológico no CES/FAJE; a terceira traz alguns testemunhos de ex-alunos, leigos, jesuítas, padres diocesanos, religiosos e a quarta, por sua vez, mostra a preocupação da Faculdade em estabelecer pontes com outros contextos.

A primeira parte, “Memória e história”, divide-se em dois blocos. O primeiro bloco relata os inícios e o desenvolvimento da Faculdade Teologia Cristo Rei, em São Leopoldo (RS) e o segundo aborda os dois períodos da instituição em Belo Horizonte. O primeiro bloco tem três capítulos. O primeiro deles, do historiador jesuíta Luiz Fernando Medeiro Rodrigues, professor da Unisinos, remonta ao final do século XIX e narra a pré-história que deu origem ao Colégio Máximo Cristo Rei, onde, em 1942, teve início a faculdade de teologia, cujo reconhecimento pontifício se deu em 1949. Em seu breve capítulo, Jesús Hortal, SJ, antigo aluno, professor, diretor da faculdade e reitor do Colégio Cristo Rei, mostra as evoluções pelas quais passou a Faculdade no período que antecedeu e sucedeu ao Concílio Vaticano II. Benno Broad, SJ, também egresso e professor da Faculdade, recorda, no terceiro capítulo, os momentos de vitalidade da Faculdade, em dois períodos: quando aí fez sua teologia (1961-1963), e no período em que atuou como professor e formador dos jesuítas da Faculdade, encarregado da reflexão pastoral. Esse período coincidiu com a época criativa da recepção do Concílio no Brasil e da transição da Faculdade de Filosofia, criada em Nova Friburgo em 1923 e reconhecida pela Santa Sé em 1942, a qual passou a formar a nova instituição de formação filosófico-teológica dos jesuítas no Brasil: o CES, inaugurando assim a fase de Belo Horizonte. O segundo bloco possui dois capítulos. O primeiro, escrito por Carlos Palácio, SJ, apresenta os processos que levaram à “recriação” da Faculdade, mostrando o dinamismo, a criatividade e a ousadia que isso demandou dos “pais fundadores”. O segundo, escrito por Johan Konings, SJ, e Geraldo De Mori, SJ, recolhe as mudanças ocorridas com o processo de amadurecimento do projeto, que, em 1997, deu origem ao atual currículo, com suas principais características, além dos ajustes introduzidos com o processo de reconhecimento civil do mestrado (1997) e do doutorado (2002), como também do bacharelado civil (2006/2011). Este capítulo, ao tomar como guia o Ano Acadêmico (*ordo anni academici*), traça não apenas uma descrição do curso, mas enriquece com comentários, a partir da experiência dos próprios autores, a evolução, não só do projeto pedagógico como se encontra atualmente, mas também do itinerário teológico desta “escola de teologia”, esclarecendo suas especificidades, na graduação, pós-graduação, áreas de pesquisa e rica gama de contatos, eventos, realizações e produções.

A segunda parte, “Características da teologia na Faculdade Jesuíta”, compõe-se de seis capítulos, quase todos redigidos por autores jesuítas. No primeiro, Cláudio Paul retrata o aprendizado conciliar, no qual a

Sagrada Escritura se apresenta como a “alma da teologia”, cuja escuta e inteligência tornam-se a condição de possibilidade de toda inteligência e práxis da fé. Na graduação articulam-se os dois lugares teológicos: as fontes históricas da fé cristã, com a centralidade do evento Jesus Cristo, e a vida da comunidade dos seguidores de Jesus Cristo. O diálogo entre Escritura e Teologia permanece fecundo em todo o curso, diálogo fecundo que se estende com a Tradição, o Magistério e os apelos da realidade. Os referenciais fundamentais das fontes da fé e da práxis cristã norteiam também o estudo da Escritura na pós-graduação. No segundo capítulo, Eugenio Rivas discorre sobre o ato teológico próprio da FAJE, explicitando sua epistemologia, na qual a interdisciplinaridade e a hermenêutica ajudam a discernir os sinais dos tempos, em perspectiva ecumênica, como “exercício praticante”. O capítulo de Washington Paranhos aprofunda a opção preferencial pelos pobres como o lugar hermenêutico da teologia praticada na FAJE, em consonância com a tradição teológica latino-americana. Cesar Alves volta-se para a dimensão sistemática do afazer teológico do CES/FAJE, recordando alguns aspectos do método teológico e como se articulam os principais tratados sistemáticos da teologia: Cristologia-soteriologia, Deus Trindade, Eclesiologia, Antropologia teológica, Mariologia. O quinto capítulo, de Manoel Godoy (diocesano) e Francisco das Chagas de Albuquerque, retoma a centralidade da dimensão pastoral de toda teologia, fundamental para a própria compreensão do afazer teológico, na esteira do Vaticano II. Após traçar um breve percurso histórico da Teologia Pastoral, os autores aterrissam na prática pastoral dos estudantes, explicitando como se organizam os estágios pastorais. Esta parte se conclui com o texto de Luis Herrera, que explicita uma característica importante da teologia no CES/FAJE em sua etapa na capital mineira: o acompanhamento personalizado dos estudos acadêmicos, destacando a dimensão de “iniciação mistagógica” do projeto pedagógico, que articula ensino, pesquisa e extensão. Para ele, o “acompanhante de estudos” na FAJE, mais que um simples “mistagogo acadêmico”, tem a missão de iniciar o estudante na “vida teologal”, despertando-o, pela “conversação”, para uma autêntica “amizade intelectual”, fecunda no nível pessoal, eclesial e social.

A terceira parte da obra contém seis testemunhos de estudantes egressos nas diversas épocas do período da Faculdade em Belo Horizonte. Lúcia Pedrosa-Pádua, atual professora na PUC Rio recorda o seu despertar para o mundo da teologia no final da década de 1980 e início da década de 1990, e o seu engajamento na prática teológica, manifestando sua gratidão por aquela que considera sua “casa teológica”. Eileen FitzGerald, religiosa irlandesa das Servas do Sagrado Coração, atual docente na Universidad Católica de Bolívia, Cochabamba, que fez seus estudos de mestrado e doutorado na Faculdade, destaca a experiência de construir “redes de excelência acadêmica a serviço do Reino”. Um terceiro testemunho, de

Valdete Guimarães, religiosa das Servas de Maria Reparadora, atualmente docente na Faculdade Diocesana São José (FADISI), em Rio Branco (AC), narra o período em que cursou seus estudos de bacharelado, mestrado e doutorado na FAJE, salientando, em sua partilha, o rigor científico, a experiência de amadurecimento pessoal da fé e a espiritualidade, que marcaram sua formação teológica. O texto seguinte apresenta o testemunho de Carlos Mota Cunha, teólogo evangélico que também concluiu recentemente seu doutorado na FAJE, onde também fez o mestrado: apresenta a FAJE como “uma instituição de portas abertas para o mundo”. Como conclusão desta parte, o texto de Fernando López, SJ, missionário na equipe itinerante da tríplice fronteira entre Brasil, Bolívia e Peru, recorda seu itinerário na Faculdade na década de 1990, no qual a reflexão teológica moldou sua forma de ver a vida, o ser humano e o mundo a partir da perspectiva dos mais pobres. Num vibrante testemunho, o autor explicita o que significa, em sua concepção, uma teologia “corazonada”, que passa pelo coração.

A quarta parte, “Em diálogo com o mundo”, contém uma reflexão do atual responsável pelos arquivos e biblioteca vaticana, o arcebispo Dom José Tolentino de Mendonça, recentemente nomeado cardeal pelo papa Francisco. José Tolentino já é bem conhecido nos ambientes acadêmicos do Brasil, particularmente de Belo Horizonte, onde esteve diversas vezes, inclusive como professor visitante da FAJE. Seu artigo, “Construindo pontes num mundo fragmentado: redescobrir a tarefa de educar”, reflete sobre o desafio da universidade diante de um mundo instrumentalizado e fragmentado. O autor convida a “escutar o desejo” e afirma a necessidade de “reforçar uma antropologia integral que inscreva a pessoa humana no coração dos principais processos civilizacionais” (p. 283). Ao revisitar as “palavras desiderantes” do Papa Francisco, ele fornece uma “espécie de decálogo capaz de provocar a situação concreta das universidades”, como lugar do discernimento, acolhida e diálogo com a diversidade, lugar comunitário, de construção de rede, cultura do encontro, enfrentamento da mudança antropológica, potencialização da cultura da paz, escola de uma humanidade integral e, por fim, como “estaleiro da esperança”.

Em “À guisa de posfácio: o Oriente na FAJE”, Massimo Pampaloni, SJ, atualmente professor visitante da FAJE, ex-aluno e ex-professor da instituição, também em caráter testemunhal, narra, entre outros pontos, as raízes de sua vocação para o mundo patrístico e, de modo especial, o mundo oriental. Assegura que o “interesse da FAJE pelo Oriente não foi só um acontecimento contingente”, ligado apenas ao percurso “original” do autor, destacando o significado profundo do cristianismo e das Igrejas orientais, que, “com seu patrimônio histórico, teológico e litúrgico são parte de “nossa identidade cristã” (p. 300). Por fim, a publicação traz uma apresentação dos autores que colaboraram na obra, bem como um índice de nomes e assuntos.

A presente obra, é significativa, não só por traçar a trajetória histórica da Faculdade de Teologia da FAJE e expor como se constituiu o ensino da teologia e como se organiza hoje, com os testemunhos de quem participou dessa história, mas também por destacar a sua contribuição acerca do seu “afazer teológico” situado, e por instigar no leitor o interesse acerca da maneira de se fazer teologia na FAJE, como escola “onde se aprende a fazer teologia e onde se faz teologia” (p. 189). Boa parte dos artigos explicita, além das orientações contidas nos documentos magisteriais, as definições institucionais do Ano Acadêmico (AA), mas ao fazê-lo, não se reduz a uma mera apresentação institucional. O caráter testemunhal da obra (de fato, um terço do volume consta de testemunhos de ex-alunos e professores) dá um colorido especial à obra e fornece, numa espécie de exercício teológico, uma ideia de como se ensina, se estuda e se faz teologia na FAJE, inspirada no “sentir e saborear” inicianos, *ad maiorem Dei gloriam*.

*Luiz Antônio Pinheiro, OSA<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), Belo Horizonte. Bolsista da CAPES.